

Artigo retirado do jornal Expresso, disponível em:

<https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2540/html/primeiro-caderno/sociedade/revolucao-em-curso-nas-universidades>

Mudança

Instituições adaptam cursos a uma geração de nativos digitais. Haverá menos aulas teóricas, que serão dadas à distância mesmo depois da pandemia, e os alunos terão mais autonomia para ‘desenhar’ o currículo.

Revolução em curso nas universidades

Há uma transformação profunda a ser preparada no ensino superior: menos horas de aulas, lições gravadas e ouvidas à distância a qualquer hora do dia ou da noite, encontros presenciais na universidade sobretudo para discutir ideias e desenvolver projetos e cursos com currículos flexíveis, cada vez mais desenhados em função do mercado de trabalho e dos interesses de cada aluno. A revolução foi precipitada pela pandemia, mas tornou-se inevitável para responder às exigências de uma sociedade em acelerada mudança e de uma nova geração muito distinta das anteriores.

“Não podemos continuar a dar as aulas como fazemos há 50 anos, porque hoje lidamos com jovens que são nativos digitais e que têm uma mentalidade completamente diferente. Muitas instituições vão definir se não se adaptarem às novas tendências a nível da metodologia, da organização dos currículos e da evolução tecnológica”, frisa Amílcar Falcão, reitor da Universidade de Coimbra.

A instituição criou uma plataforma de ensino à distância que vai manter-se mesmo depois da pandemia. A ideia é criar um modelo de “ensino híbrido”, em que as aulas teóricas são disponibilizadas online e o tempo na universidade é reservado sobretudo para aulas práticas, discussão de ideias e realização de projetos, que dão aos estudantes um papel mais ativo no processo de aprendizagem. “O ensino à distância veio para ficar e vai transformar completamente as instituições”, diz.

Ao Expresso, o ministro do Ensino Superior defende que a mudança deve começar, desde logo, pela redução da carga letiva dos estudantes através de uma diminuição das aulas teóricas. “Hoje os jovens têm acesso fácil a informação, que está disponível em muitas fontes. Por isso precisam de passar menos tempo a ouvir [o professor] e mais tempo a participar. O ensino tem de ser mais ativo”, frisa Manuel Heitor (ver entrevista). Nesse sentido, o Plano de Recuperação e Resiliência contempla €250 milhões para a modernização pedagógica nas universidades e politécnicos.

O Instituto Superior Técnico (IST) é uma das instituições que está mais avançada nesta transformação. Já em setembro vai entrar em vigor uma “reestruturação profunda” de todos os cursos, que irá reduzir em 50% as aulas teóricas e reforçar a componente prática. “Antes, havia uma enorme desproporção de conhecimento entre aluno e professor. O aluno ia à aula porque a maneira mais rápida de adquirir informação era ouvir o professor, mas já não é totalmente assim. Hoje há uma grande quantidade de informação a que pode aceder de forma rápida, o que faz com que parte do que era a função docente, que era transmitir informação, se tenha tornado grandemente redundante. Se um estudante tiver de sair de casa para

vir a uma aula minha a uma hora específica, para eu dizer aquilo que pode ficar a saber a qualquer hora, através do telemóvel ou do computador, vai pensar duas vezes antes de vir. Por isso o ensino tem de mudar radicalmente e enriquecer o tempo presencial com aulas mais práticas ou teórico-práticas. Se não o fizermos, vamos ter professores a dar aulas para salas vazias”, justifica o presidente do IST, Rogério Colaço.

Cursos à medida

A revolução que vai arrancar no Técnico irá também introduzir mais flexibilidade nos currículos, dando a cada aluno autonomia para desenhar em parte o seu próprio percurso académico. Por exemplo, um estudante de Engenharia Civil poderá fazer uma formação específica na Faculdade de Belas-Artes, se se interessar por artes, ou na Faculdade de Direito, se também gostar dessa área. “Vamos passar a permitir uma espécie de Erasmus interno na Universidade de Lisboa, para abrir os horizontes dos estudantes a outras áreas de formação. Uma excessiva rigidez nos currículos dificulta mudanças profissionais, que vão tornar-se mais frequentes num mercado de trabalho cada vez mais dinâmico”, explica Rogério Colaço.

Com o fim do ‘emprego para a vida’, a conversão e atualização de competências terá de ser feita ao longo da carreira, obrigando os trabalhadores a ciclicamente voltarem a estudar. Por isso orientar as universidades para o ensino de adultos é também uma das prioridades da reforma em curso no ensino superior (ver entrevista).

Por outro lado, muitos dos jovens que hoje chegam à universidade vão exercer profissões que ainda nem sequer existem. Mas têm de ser preparados desde já para a nova realidade. É essa a ideia por trás da transformação que está também a ser preparada na Universidade Nova de Lisboa (UNL), explica o reitor, João Sàágua.

“Os empregos do futuro são difíceis de prever, pelo que os estudantes têm de ter a capacidade de criar o seu próprio negócio. Por conseguinte, todos eles, das ciências sociais à engenharia, passarão a ter durante o curso uma formação em empreendedorismo. E há outras matérias que vão também passar a fazer parte de todas as licenciaturas, como a capacitação digital, a nível de big data e codificação.”

Seguindo a tendência geral, a parte mais expositiva destas novas competências será dada à distância e só a parte prática, ajustada a cada licenciatura, será dada presencialmente. No último ano, a UNL investiu mais de €1,5 milhões na “transformação digital do ensino”, nomeadamente na contratação de profissionais que vão ajudar os docentes a “migrar parte dos cursos” para o online. “Não concebemos a universidade sem os estudantes cá dentro, mas queremos garantir que quando estão cá estão ativos, a desenvolver projetos ou a analisar problemas em equipa. A ideia é dar um uso muito mais interessante ao tempo presencial do que estarem sentados numa sala a ouvir passivamente o professor e a descarregar apontamentos para o caderno, que é uma coisa que podem fazer à distância e à hora que gostarem mais”, frisa o reitor. As mudanças na UNL estão agora em preparação e serão postas em prática já em 2022/2023.

Pedro Teixeira, diretor do Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior, acredita que a ‘bazuca’ europeia vai permitir “uma oportunidade única de investimento” na transformação do ensino superior, acelerada pela pandemia, “que forçou as instituições a experimentar coisas que nunca teriam experimentado por inércia”. Mas é preciso apostar na formação e capacitação digital dos professores, valorizar

mais a sua qualidade pedagógica, e não apenas científica, e promover uma mudança das próprias instalações, já que “um ensino mais interativo não se faz em anfiteatros de 200 lugares”, afirma.

A mudança é inevitável, avisa o também consultor do Presidente da República para o ensino superior: “Se não for feita, o país arrisca-se a perder os melhores estudantes. Quando pensam em candidatar-se, os jovens de hoje não pensam só nas instituições portuguesas. Se acharem que as nossas universidades já não estão ao nível do melhor que há lá fora, vão sair, e isso seria muito mau para o país.”